

Prefácio à Edição Especial Geografias Fora do Eixo: Decolonialidade e Soberanias na América Latina

José Sobreiro Filho ¹

Lorranne Gomes da Silva ²

Marcos Aurelio Saquet ³

À esquerda do Rio Doce, 11 de setembro de 2020
De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu

Amigos,

Percebi, antes de começar a escrever essas palavras, que se aproxima a primavera. Estamos chegando ao momento do esteio do céu. Decidi, então, escrever esta carta para falar com vocês sobre o Bem Viver, para quem acredita que cantando é possível suspender o céu, para quem acredita que o modo como vivemos e o mundo onde vivemos é recriado a toda hora. Para além da nossa capacidade de descrever a vida, quero aqui falar da vida como um evento que acontece de dentro de tudo, o tempo todo.

Escrevo, então, para nosso *Taru*, nosso céu, e para quem acredita que pode suspendê-lo nesse tempo primaveril de proximidade com a terra.

Nossos ancestrais cantavam para suspender o céu. Com esse canto, a cura também chega. Esse é um dos poderes que nossos ancestrais nos passaram: uma prática de comunhão da terra com o céu, por isso a terra é a nossa mãe.

A ideia da terra como nossa mãe é muito repetida entre nós, indígenas. A poética expressa nessa imagem da mãe-terra pode ser até ingênua para alguns, mas ser filho da terra é aprender que estamos em relação com todos os outros seres sagrados que constituem o mundo. Se esse giro de forças pudesse ser pensado não como ingenuidade nossa, mas como nosso modo de agir no coletivo, provavelmente não seríamos nós, os indígenas, os povos sem o lugar de viver e o lugar de morrer na grande história do mundo.

Nosso canto também nos livra do abismo que os brancos criaram entre os mortos e os vivos. Nossos ancestrais estão todos aqui, estão todos em meu corpo e, quando eu morrer, eles estarão aqui também. Do mesmo modo, eu também estarei. A comunhão céu e terra é isso, o nosso *Taru Andé* é isso! Por isso, a importância de não ocupar nossos pensamentos com narrativas estreitas, com uma narrativa só. Essa ideia dos nossos

¹ Universidade de Brasília (UnB). Instituto de Ciências Humanas. Brasília, DF, Brasil.
E-mail: jose.sobreiro@unb.br

² Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Cora Coralina da Graduação e Pós-graduação em Geografia (PPGEO) e Ambiente e Sociedade (PPGAS).
E-mail: lorrannegomes@gmail.com

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Brasil. Pesquisador do CNPq. Coordenador do NAPI Alimento e Território – Fundação Araucária. E-mail: saquetmarcos@hotmail.com.

antigos de suspender o céu cantando, dançando, para aliviar a terra do excesso de pressão que oprime os humanos se relaciona com uma outra constelação de saberes, que nos diz que o céu já caiu sobre a terra em outras épocas.

Quando as humanidades experimentam catástrofes, fazem do canto e da dança a sua aprendizagem. Esses cantos de suspender o céu criam uma brisa, um ar que faz com que os humanos reestabeleçam a sua própria cura. Essa ideia ensina que o céu já caiu em outras épocas e os humanos desenvolveram formas de conversar com o céu, cantar para ele, cantar para o rio, para a montanha. Essas humanidades extraíram dessas experiências a poesia da vida, o canto para afastar a dor, o xamanismo, ou seja, poderes que nossos ancestrais passaram de geração em geração para nos constituirmos como filhos do organismo terra.

Essa lógica que o Ocidente criou de demarcar território, de enquadrar as formas de vida dos povos originários causou danos irreversíveis às nossas formas de estar no mundo, danos que se repetem por falta de um bom encontro que possa reconciliar essas perspectivas de mundo em disputa. Pensar o mundo pela lógica das disputas virou a razão da humanidade, como se essa ideia tivesse uma natureza própria. Em outras palavras, o verbo disputar virou verbo vida, passou a nomear o princípio das coisas do mundo. Mas como estar além da violência que confirma todos os dias o equívoco da narrativa que diz que o mundo foi criado para nos servir e que nós estamos aqui para incidir sobre ele? Como estar além? Como deixar de acreditar no mundo como uma plataforma extrativista? Como escapar desse vírus gigante *homo sapiens*, essa bactéria que come o planeta?

Se continuarmos entendendo o mundo assim, viveremos sempre produzindo incidentes, terríveis incidentes engajados em nome e em defesa do progresso, da evolução e só teremos a banalização e o desprezo pela vida como horizonte de expectativa. Digo isso porque o que escolhemos comer, vestir, fazer, plantar, criar tem relação com tudo isso, mas, grande e infinita disputa. Quando defendo que precisamos voltar a sonhar é porque precisamos acreditar na criação de uma inteligência sutil, movente, para permitir que a vida, em sua diferença, coexista.

Por isso, quando o céu criar a pressão sobre a terra, digo a você que dance, que suspenda o céu! Os filhos da terra precisam cantar e dançar para que o céu possa dar uma atmosfera vital, necessária para o retorno das flores, dos pássaros, das borboletas, das matas, enfim, para a celebração da vida, para o Bem Viver.

Escrever esta carta, neste momento crítico das humanidades ou das pluralidades, como gosto mais de dizer, me fez desejar dançar para o céu, me fez querer a vida nessa plenitude e me fez, também, convidar você que está lendo estas palavras agora para cantar junto, para chamar a primavera, para vivermos juntos e bem.

Com um abraço afetuoso,
Ailton Krenak

Fonte: <https://cartasindigenaobrasil.com.br/livro/cartas-para-o-bem-viver/>

A carta de Ailton Krenak, escrita à beira do Rio Doce, ecoa como um chamado à vida e à resistência: cantar e dançar para suspender o céu, reatar a comunhão entre terra, cosmos e humanidade. Nela, o bem viver aparece como horizonte possível para além da lógica ocidental de disputa, extrativismo e progresso, que tantas vezes banalizou a vida. Contra a narrativa dominante, Krenak recupera saberes ancestrais e nos convida a sonhar novamente, a retomar uma inteligência sutil e movente, capaz de sustentar a pluralidade da existência.

É neste mesmo espírito que se insere a presente Edição Especial intitulada **Geografias Fora do Eixo: Decolonialidade e Soberanias na América Latina**. Inspirada pelo gesto poético e político de Krenak, esta coletânea propõe pensar, debater e criar epistemologias e ciências outras, comprometidas em desestruturar hierarquias de poder, de saber e de ser produzidas desde a invasão colonial de nossas terras, águas e florestas. Estar e viver fora do eixo significa situar-se nas margens das hegemonias acadêmicas eurocêntricas e norte-americanas, normalmente reproduzidas nos próprios centros universitários brasileiros, onde prevalecem dinâmicas de exclusão, invisibilização, favorecimentos, ameaças etc.

Esse espaço-lugar, no entanto, também abre possibilidades: o de uma geografia contra hegemônica, sustentada em saberes e fazeres locais, populares, camponeses e indígenas, que resistem à homogeneização da modernidade ocidental. A perspectiva decolonial, nesse horizonte, não se limita à crítica e denúncia. Ela afirma a urgência de epistemologias e ciências plurais, enraizadas em territorialidades concretas, e exige práticas metodológicas que articulem teoria e prática, ciências acadêmicas, saberes e fazeres popular, em suas ricas ancestralidades.

A Investigação-Ação-Participativa (IAP) se torna, nesse sentido, central. Por contribuir para romper com a separação entre sujeito e objeto, universidade e comunidade, a IAP possibilita coproduções de conhecimentos territorializados, vinculadas às demandas imediatas e históricas dos sujeitos de cada projeto que realizamos. Trata-se de uma metodologia que se alinha à decolonialidade e à contra-hegemonia, pois tenciona as assimetrias históricas e constrói diálogos horizontais e emancipatórios.

Ao aproximar a proposta das Geografias Fora do Eixo à filosofia indígena do bem viver, delineia-se uma ciência territorial, popular e pluriversal, que integra saberes ancestrais, comunitários e acadêmicos na criação de alternativas de justiça social,

ambiental e cultural, contribuindo para a produção criativa de alternativas ao desenvolvimento. Cantar e dançar para suspender o céu torna-se, assim, metáfora e prática de resistência: gesto político que une ciência e vida em um mesmo horizonte de bem viver.

E foi assim que nosso movimento-rede “Geografias Fora do Eixo” nasceu, justamente da inconformidade de professores e professoras historicamente marginalizados/as nos espaços de poder acadêmico, que tiveram suas metodologias e produções contestadas ou silenciadas. A primeira articulação ocorreu no **I Colóquio Geografias Fora do Eixo**, realizado virtualmente em duas fases, nos anos de 2020 e 2021, quando debatemos e lançamos as bases para a consolidação do movimento.

O **II Colóquio**, também realizado virtualmente, em 2023, ampliou o alcance das discussões, agregando novos sujeitos e reafirmando a necessidade de uma ciência territorializada, crítica e comprometida com povos e culturas invisibilizados pela hegemonia acadêmica, do estado e do capital. Em 2025, essa trajetória se projeta em escala latino-americana com o **III Colóquio Geografias Fora do Eixo: Decolonialidade e Soberanias na América Latina**, realizado presencialmente na Universidade de Brasília (UnB). Nesse momento, nosso movimento-rede reafirma a centralidade das soberanias epistêmicas, territoriais e culturais, situando-se como parte de uma luta coletiva pela libertação das amarras coloniais e autoritárias.

Esta edição especial, portanto, é fruto dessa caminhada, reunindo textos que refletem geografias fora do eixo, outras, resultantes de esforços emancipatórios. Mais do que um campo teórico, ela simboliza um grito de libertação e de criação de mundos plurais. Como sugere Krenak, os artigos aqui reunidos também são convites a cantar e dançar para suspender o céu — gesto simbólico, poético e político que reconecta a vida humana à terra, ao cosmos e às ancestralidades, reafirmando o bem viver para todos e todas como horizonte de resistência, esperança e futuro.